



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS

DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

**AS *FAKE NEWS* E OS DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DA
CIDADANIA DIGITAL: UM ESTUDO DE LIVROS DIDÁTICOS DE
PRÁTICAS EM LEITURA E ESCRITA DA EJA**

***FAKE NEWS AND THE CHALLENGES TO PROMOTING DIGITAL
CITIZENSHIP: A STUDY OF TEXTBOOKS ON READING AND WRITING
PRACTICES IN ADULT EDUCATION***

Niêdga Valéria de Oliveira¹
Francisco Vieira da Silva²

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica que permite ao estudante retomar e concluir os estudos, promovendo a qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho, quanto aos meios para uma melhor compreensão de sua condição enquanto cidadão. Partindo disso, a pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira as fakes news são abordadas nos livros didáticos de língua portuguesa, destinados ao público da EJA e os desafios enfrentados para a construção da cidadania digital, considerando os aspectos discursivos, didáticos e formativos envolvidos. O aparato teórico que conduz o estudo centra-se em autores como Barros (2018), Kleiman (2005) e Soares (2003). Foram analisados duas coleções didáticas de Práticas em Leitura e Escrita da EJA aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) relativo ao período de 2026-2029. As análises permitem concluir que os estudantes são convidados a assumirem um papel ativo diante da checagem da informação, pois são questionados e levados a pesquisar e refletir sobre a veracidade do que circula nas redes sociais. Essa postura ativa, que vai além da simples

¹ Discente do curso de Letras/Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: niedga.oliveira@alunos.ufersa.edu.br.

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

leitura, contribui para que eles compreendam os impactos sociais, políticos e econômicos das *fake news*, percebendo que combater a desinformação é uma tarefa coletiva e que cada cidadão tem um papel a desempenhar.

Palavras chaves: EJA; Fake news; Livros didáticos; Cidadania digital.

ABSTRACT: The Youth and Adult Education (EJA) is a modality of basic education that allows students to resume and conclude their studies, promoting qualification to obtain better opportunities in the labor market, as well as providing means for a better understanding of their condition as citizens. Based on this, the research aims to analyze how *fake news* is addressed in Portuguese language textbooks intended for the EJA public and the challenges faced in the construction of digital citizenship, considering the discursive, didactic, and formative aspects involved. The theoretical framework guiding the study centers on authors such as Barros (2018), Kleiman (2005), and Soares (2003). Two didactic collections of Practices in Reading and Writing for EJA, approved by the National Textbook and Didactic Material Program (PNLD) for the 2026-2029 period, were analyzed. The analyses allow us to conclude that students are invited to assume an active role in information checking, as they are questioned and led to research and reflect on the veracity of what circulates on social media. This active posture, which goes beyond simple reading, contributes to their understanding of the social, political, and economic impacts of *fake news*, realizing that combating disinformation is a collective task and that every citizen has a role to play.

Keywords: EJA; *Fake news*. Didactic Textbooks; Digital Citizenship.

1. INTRODUÇÃO

A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece a lei de diretrizes e base da educação nacional. No art. 37, a modalidade de educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. Dessa maneira, a EJA tem como foco jovens e adultos e idosos que não tiveram a chance de concluir seus estudos na idade própria, permitindo, então, equidade e desenvolvimento para todos, como também garante ao cidadão a oportunidade de poder intervir e posicionar-se no âmbito de uma sociedade justa e democrática.

Todavia, é importante destacar a pluralidade dos sujeitos que fazem parte dessa modalidade educacional e ressaltar que são pessoas que não tiveram as mesmas oportunidades educacionais. Essa diversidade fica evidente tanto nos níveis de escolarização anteriores quanto nas expectativas em relação ao processo de aprendizagem e ao papel da educação em suas vidas. Alguns trazem marcas de uma educação formal precária ou fragmentada, outros têm experiências de invisibilidade, de não pertencimento ou de resistência dentro dos espaços escolares. Segundo Di Pierro (2017, p. 11), esses sujeitos tiveram o direito à educação violado “[...] na infância ou na adolescência em virtude de preconceitos, de ausência ou distância de

escolas, de trabalho precoce e frequência breve ou descontínua a instituições de ensino de má qualidade, onde não tiveram êxito na aprendizagem”.

Dessa forma, torna-se imprescindível que a prática pedagógica, reconheça e valorize esses múltiplos saberes e vivências, promovendo uma educação que, para além do currículo tradicional, dialogue com as realidades concretas desses sujeitos e contribua efetivamente para sua emancipação social, política e cultural.

Nesse contexto, a análise de *fake news* no contexto da EJA revela-se especialmente relevante, dado que esse público, muitas vezes afastado por longos períodos dos espaços escolares, encontra-se em constante contato com informações veiculadas por mídias digitais, nem sempre pautadas pela credibilidade (Araújo; Sousa, 2025). Nesse sentido, inserir a problemática das notícias falsas e da desinformação nos livros didáticos da EJA e, como consequência, na prática pedagógica, constitui uma estratégia pedagógica pertinente para o desenvolvimento do letramento crítico e da educação midiática, promovendo a autonomia dos estudantes na leitura e interpretação de textos que circulam socialmente.

Partindo disso, este trabalho objetiva analisar de que maneira as *fake news* são abordadas nos livros didáticos de Língua Portuguesa destinados à EJA e os desafios enfrentados para a promoção da cidadania digital, considerando os aspectos discursivos, didáticos e formativos envolvidos. Especificamente, visa identificar e descrever as atividades que tratam do tema e averiguar a contribuição dessas práticas para o desenvolvimento do letramento crítico e da autonomia leitora dos estudantes, logo, da cidadania digital.

O interesse em investigar a abordagem das *fake news* em livros didáticos de Língua Portuguesa da EJA justifica-se pela crescente disseminação de informações falsas no ambiente digital e pelo impacto que isso acarreta na formação crítica dos sujeitos, especialmente daqueles que historicamente tiveram acesso limitado à educação formal (Abreu, 2021) e que estão utilizando tais tecnologias. Considerando que a EJA atende a um público marcado por trajetórias educacionais interrompidas e experiências de exclusão social, torna-se fundamental que os materiais didáticos utilizados nesse contexto promovam não apenas a aprendizagem da norma culta da língua, mas também a capacidade de interpretar, questionar e posicionar-se diante dos discursos que circulam na sociedade.

Além disso, tal discussão aqui proposta encontra premissas na minha formação acadêmica. Sendo concludente do curso de licenciatura de Letras/Português essa formação me oferece aptidão para discutir tanto aspecto referentes à língua e ao ensino, o que motivou a realização do presente estudo. No entanto, observo uma ausência de discussões sobre a EJA no contexto da formação inicial.

Para isso, analisamos os seguintes materiais didáticos a seguir: a) Vem pra EJA! Práticas de Leitura e Escrita, de Louise Conceição Pereira Tanajura, Milena Ramos Aires Carvalho, publicado pela editora Casa de letras; b) Reconquista – Práticas de leitura, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho, publicado pela editora FTD. Esses livros referem-se aos anos finais do ensino fundamental e foram aprovados pelo PNLD 2026-2029 e serão utilizados nas escolas de todo o país a partir de 2026.

Este trabalho insere-se em uma abordagem qualitativa (Gil, 2002), de natureza interpretativista, desse modo, buscamos compreender como a temática das *fake news* é abordada em livros didáticos voltados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), para que possamos atingir nosso objetivo de pesquisa, na qual se refere a de que maneira as *fake news* são abordadas nos livros didáticos de Língua Portuguesa destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os desafios enfrentados para a construção da cidadania digital. A natureza qualitativa desta pesquisa justifica-se pelo fato de buscarmos compreender, em profundidade, como o fenômeno das *fake news* é representado e tratado nos livros didáticos destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando as determinações discursivas, linguísticas e pedagógicas envolvidas.

Trata-se de uma análise documental, considerando os livros didáticos como documentos públicos e socialmente produzidos que refletem políticas educacionais, valores culturais e concepções de linguagem. A análise de conteúdo buscou identificar,

que maneira as *fake news* são abordadas nos livros didáticos de Língua Portuguesa destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os desafios enfrentados para a construção da cidadania digital, desse modo, a análise discursiva, descreve e interpreta as estratégias que foram apresentadas em torno das fakes news, com também descreve sua problematização. problematização nas obras examinadas, atentando-se tanto para os aspectos linguísticos quanto para os discursivos e pedagógicos.

O trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, discutimos os aspectos de pesquisas e apresentamos a introdução do artigo. Depois, na seção seguinte, está a metodologia do trabalho, os métodos, *corpus* e outros aspectos atinentes à metodologia. Em seguida, tratamos da teoria adotada, dos conceitos e autores aqui fundamentados. Na seção destinada à análise, argumentamos os achados encontrados e propomos algumas reflexões. Por fim, na seção de considerações finais, discutimos os principais achados da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutimos a fundamentação teórica que embasa este trabalho.

Segundo Silva, Galastri e Américo (2025), a comunicação de qualidade é a base de uma sociedade democrática. Os autores chamam a atenção especialmente no que diz respeito à forma como lidamos com a informação, já que para que desempenhamos as nossas potencialidades de maneira digna, é preciso a construção de um senso crítico ao lidar com informações. No contexto atual, não existem mais certezas absolutas ou verdades que todo mundo aceita do mesmo jeito, pois estamos cercados por muitas vozes, muitos discursos, e tudo parece estar em constante mudança. Nesse cenário, é cada vez mais difícil saber em quem ou no que confiar.

Sobre esse contexto, conforme Barros (2018, p. 59):

Tem-se presenciado, nos últimos anos, uma enxurrada de notícias falsas na Internet, as quais podem adquirir proporções enormes em pouco tempo, devido à facilidade e à agilidade no compartilhamento para milhões de pessoas em todo mundo por meio de aparelhos eletrônicos comuns do dia a dia, como computadores, tablets e, principalmente, celulares.

O autor chama atenção para algo que, na prática, todo mundo já viu acontecer: uma notícia falsa surgir e, de repente, tomar conta de grupos de *WhatsApp*, redes sociais e até conversas no dia a dia. Tudo isso é potencializado pelo surgimento das redes sociais. Por contarem com ferramentas de compartilhamento, em poucos minutos um fato é disseminado para várias pessoas. Junto a isso vem um problema ainda maior e preocupante, que é a possibilidade de muitos compartilharem essas informações sem nem se perguntarem se aquilo é verdade ou não.

Pensando nisso, emerge o termo Fakes News que, segundo Fernandes e Fernandes (2023).

Fake News ficou mundialmente conhecido a partir das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, em que ocorreu a produção e a propagação em massa de notícias falsas, desqualificando a candidata Hillary Clinton em favor de Donald Trump (Fernandes; Fernandes, 2023, p. 44).

Nos dois episódios citados pelos autores, era notório que a propagação de notícias falsas tinha alguma intenção ao causar desinformação à sociedade. Claramente, tratava-se de uma estratégia que um determinado grupo político construiu para que os seus objetivos fossem atendidos.

À luz de Barros (2018), a *fake News* constituem uma desinformação que virou notícia. É interessante pensar que a desinformação tem, por trás, um criador dotado de pretensões, o

que mostra que essa desinformação não é acidentalmente enganosa. Assim, a autora salienta os conceitos de *disinformation* e *misinformation*. O primeiro deles diz respeito à intenção de falsificar uma informação com a finalidade de enganar pessoas. Já a *misinformation* está relacionada a um erro inocente e/ou acidental, sem o objetivo de promover enganação. Conforme Chaves e Melo (2019), é importante saber distinguir os erros cometidos pelo mau jornalismo, como o sensacionalismo, o erro na apuração de um fato, da desinformação, quer dizer, de histórias e narrativas fictícias que se apresentam como verdadeiras.

Pelo nosso objetivo, seguimos o desejo de falar dos letramentos com questionamentos de que tal prática possa ajudar a reverter o problema de falta de criticidade em relação à checagem de informações falsas. Por isso, no contexto atual, marcado pela rapidez da informação e pela fragilidade dos vínculos com a verdade, como discutido anteriormente, os letramentos assumem um papel central na formação de sujeitos críticos e conscientes.

Reforçando tal pensamento, conforme pontua Kleiman (2008), a escola assume um papel fundamental, pois é um dos poucos espaços que ainda pode promover uma educação voltada para a leitura crítica. Mais do que ensinar a decodificar palavras, é preciso ensinar a questionar, a comparar informações, a perceber intenções escondidas por trás de certos discursos. No Brasil, esse desafio é ainda maior, já que muitos estudantes convivem com dificuldades de leitura, de compreensão e até mesmo com o analfabetismo funcional.

Desse modo, sobre os letramentos, Kleiman (2005) postula que o letramento não se trata de um método de alfabetização, pois seu objetivo não visa atender a necessidades relativas a questões metodológicas do ensino da escrita. Muito pelo contrário, a pedagogia dos letramentos observa as funções e as práticas do letramento na vida social. Embora distintos, o letramento e a alfabetização estão associados, uma vez que a prática de letramento envolve também usar o sistema de escrita.

Assim, Soares (2003) postula que o conceito de letramento foi criado para falar sobre os usos da modalidade escrita da língua não somente na escola, mas em outras esferas, já que está em toda parte. Fora do ambiente escolar, segundo a autora, as práticas de letramento são essencialmente colaborativas e heterogêneas, porque seu público é diverso, suas intenções e instituições que interagem variam.

Dessa forma, sobre o livro didático, pontuam Silva e Villela (2016, p.04):

[...] possível conceber o livro didático como objeto essencialmente hipertextual, já que seus organizadores utilizam fontes diversas de pesquisa, diferentes linguagens, textos diversos e recursos multimodais em sua concepção. Se explorados

adequadamente no LD, os elementos hipertextuais tornam-se importante ferramenta para a educação na perspectiva do letramento, como defende a proposta curricular para EJA.

Como mencionado pelas autoras, longe de ser apenas um repositório de conteúdo prontos, o livro se apresenta aqui como um espaço de encontros entre linguagens, vozes, textos e formas de expressão. Ao ser concebido com esse caráter hipertextual, o LD deixa de ser linear e fechado, e passa a dialogar com a vida dos estudantes, especialmente daqueles da EJA, que carregam experiências ricas e muitas vezes silenciadas. Quando os recursos multimodais, como imagens, gráficos, letras de música, poemas e notícias são bem articulados, o livro se transforma numa ferramenta potente de letramento que não ensina apenas a ler palavras, mas também a ler o mundo e a se posicionar nele.

Ademais, na proposta de Dias e Paixão (2018, p.224), o livro didático precisa partir:

[...] da compreensão de que os materiais didáticos devem considerar as questões cotidianas que sejam representativas do contexto em que o aluno está inserido e as potencialidades de se usar socialmente o conteúdo proposto, a pesquisa desenvolvida teve por objetivo conhecer a importância atribuída pelos sujeitos da EJA (estudantes e professores) ao Livro Didático.

Subsidiados nessa visão, defendemos que a abordagem de *fake News* deve ser apresentada aos alunos, uma vez que essa problemática é recorrente e atravessa o cotidiano deles. Além disso, precisa-se do desenvolvimento de competências que preparem o público da EJA para que, cada vez mais, possam ser sujeitos atuantes e críticos na democracia.

Neste trabalho, focalizamos os processos de letramento dentro da escola, em especial no ensino da EJA, em livros didáticos. Nosso foco recai sobre a abordagem das fakes News no material didático. Pensando nisso, é oportuno falar sobre as diretrizes curriculares brasileiras também reconhecem a importância de desenvolver, na escola, competências de leitura crítica diante dos diversos textos que circulam na sociedade. Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados nos anos 1990, já se apontava a necessidade de trabalhar com textos autênticos, de diferentes gêneros e mídias, promovendo uma leitura voltada à interpretação, à argumentação e à formação cidadã.

Os PCNs de Língua Portuguesa destacam que o ensino deve preparar os alunos para atuarem de forma crítica no mundo, o que inclui compreender os efeitos de sentido produzidos nos discursos e nas práticas sociais. Esse direcionamento continua válido e atual, especialmente diante da proliferação de *fake news* e da demanda por leitores mais preparados para lidar com as complexidades do mundo digital.

Quando se trata da EJA, é fundamental considerar que os estudantes trazem consigo uma bagagem de experiências de vida, saberes construídos fora da escola e, muitas vezes, trajetórias marcadas pela interrupção da escolarização. Esses sujeitos, que em sua maioria já estão inseridos no mundo do trabalho e nas dinâmicas sociais cotidianas, também estão expostos à circulação massiva de informações e às armadilhas das *fake news*.

Silva e Villela (2016, p. 2) descrevem o perfil desses alunos como “jovens e adultos dessa modalidade que vêm de classes sociais pobres e não tiveram acesso à educação na idade própria, na maioria das vezes pela necessidade de entrar precocemente para o mercado de trabalho”. Por isso, mais do que nunca, o ensino na EJA precisa estar conectado com a realidade concreta desses alunos, valorizando seus repertórios e promovendo práticas de leitura que façam sentido dentro e fora da sala de aula.

Os documentos curriculares também reconhecem essa especificidade:

[...] a EJA deve propiciar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem; desse modo, o curso deve ser pensado e planejado de forma a possibilitar o acesso e a permanência do aluno, o que implica necessariamente o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem suas experiências e seus conhecimentos prévios e considerem o vínculo entre educação, trabalho e práticas sociais e culturais. (Brasil, 2002, p. 80).

Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA destacam que o ensino deve partir das necessidades e contextos dos estudantes, integrando conteúdos que dialoguem com os desafios do cotidiano. Ensinar os alunos da EJA a ler uma notícia, por exemplo, vai além do exercício escolar: é possibilitar que eles compreendam o que recebem nos grupos de mensagem, o que assistem na televisão, o que veem nas redes sociais e que tenham condições de questionar e resistir a informações enganosas.

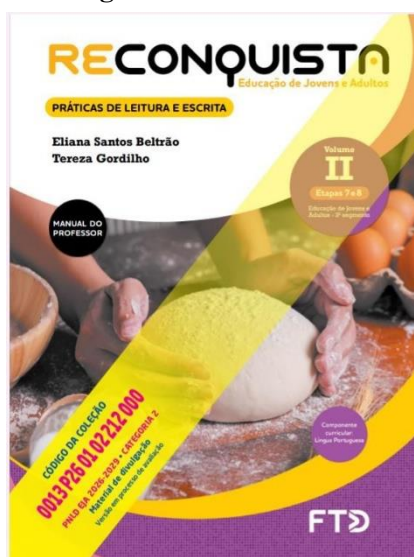
O livro didático utilizado nessa etapa, então, não pode se limitar a conteúdos descontextualizados ou meramente gramaticais: ele precisa acompanhar as demandas da sociedade e dos próprios estudantes, oferecendo textos atuais, questões reflexivas e atividades que estimulem a leitura crítica. Só assim será possível transformar a linguagem em um

instrumento real de autonomia, pertencimento e cidadania para os jovens e adultos que voltam à escola.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, mostramos a capa dos livros selecionados para o estudo.

Figura 01



3. **Fonte:** Beltrão e Godilho (2024).

Figura 02



Fonte: Tanajura e

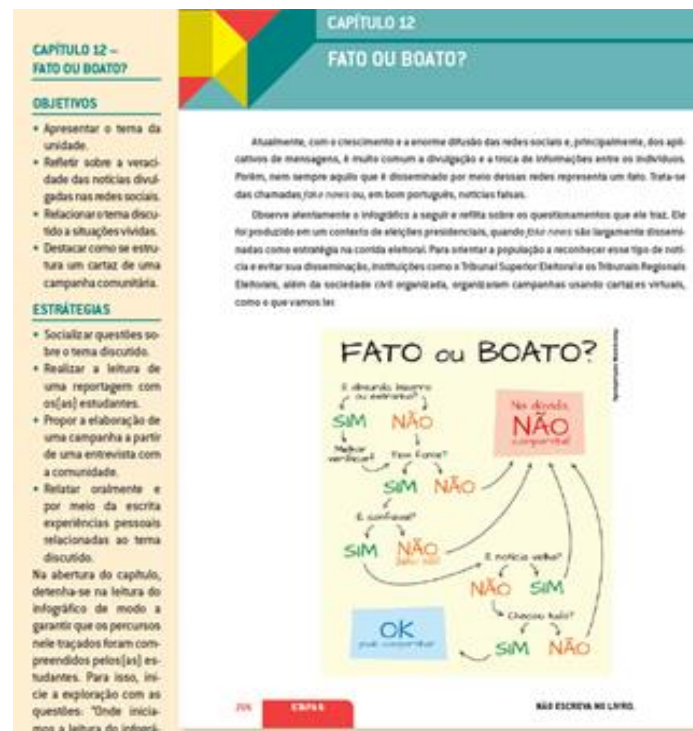
Carvalho (2024).

4.

No material didático “Vem pra EJA! Educação de jovens e adultos – práticas em leitura e escritas” (5º e 6º anos finais do ensino fundamental) das autoras Tanajura e Carvalho (2024) volume 1, percebemos que há uma construção muito importante de uma discussão em torno da *fake news*. Na página 206, como pode ser observado na imagem abaixo, temos a introdução dessa discussão:

Vejamos o capítulo “Fato ou Boato?” que apresenta uma contextualização do cenário atual, marcado pelo uso das redes sociais e aplicativos de mensagens, apontando que, junto com a disseminação de informações verdadeiras, também circulam muitas notícias falsas, os chamados boatos. Logo nessa introdução, percebemos que há uma tentativa de conscientizar o estudante sobre a importância de desenvolver uma leitura crítica diante do conteúdo que ler e compartilhar na internet.

Figura 03: Fato ou Boato?



Fonte: Tanajura e Carvalho (2024, p. 206).

Nessa contextualização, enfatizamos que o capítulo traz uma abordagem educativa voltada à formação cidadã. Como podemos observar, ele mostra que combater as *fake news* não é apenas uma responsabilidade individual, mas também uma tarefa coletiva, que envolve instituições como o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), organizações não governamentais e coletivos que atuam na checagem de fatos.

Outro ponto importante nesse capítulo que nos chamou a atenção é o uso de estratégias pedagógicas que buscam desenvolver a autonomia crítica do estudante. Um exemplo disso é o infográfico "Fato ou Boato?", que apresenta uma sequência de perguntas a serem feitas antes de compartilhar uma informação. Esse recurso visual ajuda o aluno a desenvolver uma visão mais crítica, questionando se a notícia vem de uma fonte confiável, se há provas e se realmente vale a pena repassar aquele conteúdo.

Chamamos atenção também para os objetivos do capítulo. Os objetivos propostos no início da seção indicam que os alunos devem trabalhar com reportagens reais, produzir campanhas contra as *fake news* e desenvolver argumentações consistentes sobre o tema. Como sabemos, tudo isso torna a experiência de aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade deles.

Na página seguinte (p.207), temos uma atividade sobre o infográfico e a temática abordada: *Fato ou Boato?* Nessa página, observamos que o tema das *fake news* é retomado por meio de uma breve atividade, que incentiva os estudantes a relacionarem o conteúdo já visto anteriormente à sua vivência cotidiana. A seção intitulada “Para começo de conversa” convida os alunos a refletirem sobre algumas situações em que receberam informações duvidosas nas redes sociais, bem como a questionarem os efeitos sociais e pessoais desse tipo de conteúdo. Com a leitura das quatro questões propostas, logo notamos que elas vão além da simples experiência individual, levando os estudantes a refletirem sobre os conceitos de verdade, pós-verdade e manipulação discursiva.

Depois das questões, há uma sugestão de leitura de um trecho do artigo “Internet: sob o domínio da pós-verdade”, que apresenta uma contextualização teórica sobre o termo “pós-verdade” e suas implicações. O texto destaca como, na era digital, os fatos objetivos perdem espaço para emoções e crenças pessoais na formação da opinião pública. Essa discussão se articula com o conceito de *fake news* ao mostrar que, muitas vezes, a verdade é substituída por discursos que apenas reforçam convicções, mesmo que sejam falsos e manipulados. O material também aponta para o papel das redes sociais, dos algoritmos e das bolhas informacionais nesse processo.

A aba na lateral da página propõe uma retomada das reflexões iniciais após a leitura do artigo. As perguntas sugerem que o estudante compare sua compreensão anterior com a adquirida após o contato com os conceitos de “pós-verdade” e “*fake news*”.

De forma geral, essa primeira introdução sobre *fake news* articula vivência pessoal, teoria e reflexão crítica. A atividade com perguntas reflexivas, textos argumentativos e propostas de retomada reflexiva, tudo isso busca desenvolver habilidades como a análise discursiva, o pensamento crítico e a capacidade de argumentação. Como sabemos, todas essas competências são essenciais para o enfrentamento consciente da desinformação na sociedade contemporânea.

Na página 213 do mesmo material didático, há o fim de uma explanação sobre a concordância verbal e, no fim, em um infográfico, vemos que o tema das *fake news* é retomado com foco na leitura crítica e no desenvolvimento de habilidades linguísticas e argumentativas.

No quadro informativo intitulado “Como funcionam as fakes news” percebemos a proposta de uma atividade de leitura de um texto explicativo sobre o funcionamento das notícias falsas, com o objetivo de que os estudantes identifiquem as ideias principais de cada parágrafo.

O texto lido aborda, de forma clara, como as *fake news* se disseminam nas redes sociais e os principais motivos por trás de sua criação: objetivos políticos, econômicos, manipulação

da opinião pública, entre outros. A linguagem do texto é acessível e possibilita discussões pertinentes em sala de aula sobre os efeitos da desinformação. Ao solicitar que os alunos identifiquem a ideia central de cada parágrafo, a atividade promove a habilidade de resumir, interpretar e organizar informações, aspectos fundamentais da competência leitora.

Na próxima página (214), observamos que a leitura desse texto anterior é complementada por uma atividade.

Desse modo, temos a continuação do texto de autoria de Rafael Batista, em que o autor busca mostrar os mecanismos por trás da criação e da disseminação de informações falsas na internet, destacando o papel dos chamados "robôs" e os ambientes digitais nos quais esses conteúdos circulam. O texto em linhas gerais enfatiza como as pessoas reais acabam prejudicadas por essas ações, reforçando o caráter ético e social do combate às *fake news*.

Em seguida, após a leitura, tem-se na aba lateral da página, uma proposta didática organizada em duas etapas: na primeira, os estudantes devem trabalhar individualmente com questões voltadas à interpretação do texto, como identificar seu tipo, reconhecer as estratégias dos criadores de *fake news*, entender o objetivo comunicativo e refletir sobre como esses conteúdos afetam a sociedade. Já na segunda etapa, em duplas, os alunos precisam analisar aspectos linguísticos mais aprofundados, como a função dos verbos, a coesão referencial e a variação vocabular, por exemplo, a substituição de “pessoas comuns, celebridades, políticos e empresas” por “sociedade”.

É interessante pensar na importância da questão final. Ela convida os estudantes a retomarem o texto lido anteriormente e compararem suas impressões iniciais com o que foi lido e estudado até então.

Pode-se afirmar que a própria informação comporta uma dimensão estética, pois transmite-se aos indivíduos tanto a partir de referenciais do mundo exterior, com base em dados empíricos, verificáveis, objetivos, quanto do interior, por meio da intuição, da sensibilidade, da imaginação e da reflexão pessoal. (Vitorino; Piantola, 2011, p.103).

Esse tipo de proposta valoriza o desenvolvimento de uma postura crítica diante da informação, fazendo com que cada indivíduo interprete as informações, baseadas em pensamentos pessoais.

É nesta dimensão estética também que se dá o gosto por esta ou aquela informação, aproximando a pessoa da informação que lhe é útil, mas também conferindo uma vulnerabilidade para a informação distorcida, manipulada ou até falsa, quando esta se adequa às expectativas subjetivas e/ou emocionais deste

indivíduo. É justamente nessa lacuna, associada à parca Competência Crítica em Informação, que a desinformação, os boatos e a pós-verdade encontram terreno fértil (Brisola, 2018, p. 79).

Posteriormente, o livro faz uma nova menção à temática de notícias falsas (p. 221). Embora, seja o mesmo tema das *fake News*, é abordado de maneira bastante contextualizada, ao tratar de seus impactos diretos na sociedade, especialmente durante a pandemia de covid-19. A seção intitula-se “Impactos das *fake news* na sociedade” e utiliza um exemplo concreto e recente: a disseminação de desinformação sobre vacinas, que levou muitas pessoas a hesitarem ou mesmo recusarem o uso de vacinas.

Sabendo disso, os produtores profissionais de fake news, para se aproximar desse usuário/leitor, vão privilegiar um discurso mais intimista, mais informal, procurando fugir do discurso científico, chegando, por vezes, a demonizá-lo, o que se faz possível por meio e relatos de experiência (Gomes, 2020, p. 13).

Inicialmente, percebemos que a atividade propõe uma reflexão com perguntas pessoais, incentivando os alunos a compartilharem suas experiências com notícias falsas relacionadas à vacinação. Isso além de estimular a participação e o engajamento, também permite uma análise crítica de como a desinformação pode afetar a vida cotidiana.

Ao abordar as vacinas, o texto também desmistifica boatos ao apresentar uma notícia real do Ministério da Saúde, marcada pela credibilidade e por dados oficiais, reforçando o papel da informação verificada.

Podemos também notar que o conteúdo do texto destaca como a circulação de notícias falsas prejudica as políticas públicas de saúde, e a importância de a população buscar fontes confiáveis. A seção lateral do material complementa essa discussão ao explicar o funcionamento do calendário vacinal, reforçando a responsabilidade cidadã de estar em dia com as vacinas e compreender sua relevância para a erradicação de doenças.

Mais adiante, na página 223, como podemos visualizar a imagem acima, percebemos que o livro concluiu a temática da *fake news* dando continuidade à discussão sobre os seus impactos relacionados à vacinação, dando maior ênfase no trabalho pedagógico iniciado na página anterior.

De acordo com Gomes (2020), um retrato desse problema pode ser observado mais claramente no âmbito da vacinação, uma vez que, apesar das intensas campanhas de divulgação

na mídia, as autoridades brasileiras de saúde não estão conseguindo cumprir as metas de imunização, em virtude da desinformação.

Com uma proposta textual clara, objetiva e com forte apelo à cidadania, essa seção busca desconstruir falsas crenças amplamente difundidas nas redes sociais e reforçar a importância da vacinação como estratégia coletiva de saúde pública.

No início da página, o texto de incentivo “Vacine-se!” fala diretamente com o estudante, destacando além da eficácia das vacinas, a sua segurança. Notamos que essa tentativa de aproximação com o leitor é uma estratégia didática importante, pois busca quebrar possíveis desinformações sobre o tema, sobretudo em comunidades onde as *fake news* sobre vacinas circularam com maior intensidade.

Segundo Gomes (2020), é importante caracterizar os veículos por meio dos quais são propagadas as *fake news* para se ter uma compreensão desse contexto, pois isso pode fornecer base de comparação para análises futuras sobre desinformação, não apenas sobre saúde.

Vejamos um detalhe importante que se referem às questões da atividade proposta (questões de 3 a 7). Elas levam os estudantes a refletirem sobre suas próprias experiências, os sentimentos de medo ou desconfiança, e os impactos que as informações falsas podem gerar. Ao mesmo tempo, convidam a uma atitude proativa, como o acesso ao calendário vacinal oficial e a recomendação para que se vacinem e se informem corretamente.

Por se tratar de um texto com algumas imagens, como podemos ver a ilustração de pessoas nas mais variadas faixas etárias, logo percebemos que isso contribui para reforçar a ideia de coletividade e responsabilidade social. A mensagem é clara: vacinar-se é um ato de cuidado com o outro. Ou seja, a proposta ultrapassa o simples viés conteudista e corrobora uma discussão de temas de relevância social, focalizando a formação cidadã.

Por fim, tomemos como base para a discussão o livro *Reconquista, educação de jovens e adultos – Práticas de leitura e escrita*, (7º e 8º do ensino fundamental), das autoras Beltrão e Gordilho (2014), V. 2.

No material, percebemos que a abordagem do tema *fake news* acontece de maneira bem direta e acessível, o que é essencial considerando a diversidade de experiências de vida e níveis de escolarização dos estudantes dessa modalidade.

O texto parte de um gênero textual que circula socialmente, o artigo de opinião, e trabalha com um tema que está muito presente no cotidiano, a disseminação de notícias falsas nas redes.

Na página (235), notamos que a forma como a proposta da discussão é feita aos alunos parece buscar não só desenvolver habilidades de leitura e escrita, mas também promover o

letramento digital e crítico. O próprio texto introdutório já começa explicando, de maneira simples, o que são *fake news* e como elas circulam, o que ajuda bastante quem talvez não esteja familiarizado com o termo em inglês. Além disso, o trabalho com hipóteses e com a formação de opinião convida os estudantes a refletirem sobre o impacto dessas informações falsas nas suas próprias vidas e comunidades.

Outro ponto positivo é que o texto principal, escrito por Danillo Saes, parte de uma linguagem próxima e fala sobre o uso das tecnologias no dia a dia, o que é uma realidade vivida por muitos alunos da EJA, ainda que em diferentes níveis. Logo, percebemos que essa abordagem é sensível às necessidades dos estudantes da EJA porque há uma tentativa clara de articular a leitura crítica com situações reais de vida, levando em consideração o contexto digital em que estamos inseridos.

A proposta pedagógica, ao incentivar que os alunos levantem hipóteses e discutam com os colegas, também valoriza o diálogo e o compartilhamento de experiências, o que é essencial no âmbito da EJA. Conforme enfoca Santana (2021, p. 12) os estudantes da EJA são ativos nas tecnologias digitais, “[...] no sentido de que as informações que buscam lhes chegam via suporte digital, de tal maneira que gastam um tempo considerável lendo nesse ambiente, assistem a vídeos, acessam redes sociais aplicativos de mensagens e jogos”.

Na página (237), temos uma proposta de atividade interessante e reflexiva. Nessa parte do capítulo, percebemos que o livro continua tratando o tema das *fake news* com seriedade, mas de uma forma que convida o estudante da EJA a pensar com mais profundidade. As questões propostas depois da leitura do artigo de opinião são bem interessantes, porque não são só de interpretação literal do texto, mas também de reflexão. Por exemplo, logo de cara, a primeira pergunta já propõe que os alunos pensem se o posicionamento do autor surpreende ou não, isso nos faz voltar ao texto com mais atenção e analisar além do conteúdo, também o ponto de vista de quem escreveu.

As perguntas seguintes também são bem importantes porque incentivam o aluno a pensar sobre o papel das redes sociais na manifestação de opiniões. Ao perguntar se o estudante acha preocupante o uso dessas plataformas para expressar ideias sem embasamento, o material leva a turma a discutir questões que estão no nosso cotidiano, afinal, todos nós já vimos ou até passamos por situações assim.

Outro ponto interessante é a forma como o livro provoca a pensar em soluções. A questão (3) que pergunta o que cada pessoa pode fazer para combater as *fake news* é muito boa porque tira a ideia de que esse problema está longe da nossa realidade. Ela mostra que cada um tem um papel nisso tudo, o que é uma maneira de valorizar a experiência e a atuação dos alunos.

Já a parte “Explorando o artigo de opinião” nos ajuda a entender melhor como funciona esse tipo de texto. As perguntas guiam a análise do conteúdo, da estrutura e até das estratégias linguísticas empregadas pelo autor do texto. Isso contribui para que se possa ler outros textos de opinião com mais senso crítico no futuro, não aceitando tudo como verdade, só porque está bem escrito.

Nessa última parte da sequência, percebemos que o material aprofunda ainda mais a reflexão sobre o tema das *fake news*, trazendo perguntas que exigem uma leitura crítica, interpretação mais refinada e, ao mesmo tempo, conexão com o cotidiano dos alunos da EJA. As questões propostas seguem incentivando o estudante a sair do papel de leitor passivo e assumir uma postura ativa diante do texto e da realidade.

A pergunta 6, por exemplo, é muito interessante, porque chama a atenção para o encerramento do artigo e propõe que o estudante reflita sobre o propósito das perguntas finais feitas pelo articulista. Notamos que a atividade convida o aluno a pensar no modo como o autor constrói sua argumentação e tenta envolver o leitor, algo fundamental para entender os efeitos do texto de opinião.

Já a questão 7 desenvolve uma reflexão atual sobre o papel da imprensa no combate às *fake news*. Ao pedir que o aluno reflita sobre a mobilização dos jornalistas e se a divulgação de notícias falsas é uma preocupação geral, o livro possibilita debates ricos que envolvem o papel social da mídia, a confiança nas fontes e a responsabilidade na circulação de informações.

Na questão 8, o foco é um trecho específico do artigo e a forma como ele representa o comportamento das pessoas nas redes sociais. Visualizamos que essa análise é pertinente para os estudantes, porque permite observar como as palavras usadas carregam julgamentos e intenções. O fato de o material perguntar sobre expressões como “dedinho ansioso” e “furar os repórteres” é um convite para discutir ironia, crítica social e até mesmo o tom do texto.

No geral, essa última parte da sequência é muito bem construída. Ela exige mais do estudante, mas também oferece a oportunidade de desenvolver competências fundamentais, como o pensamento crítico, a argumentação e a capacidade de análise linguística. Para alunos da EJA, isso é importante porque valoriza suas experiências de vida e os ajuda a entender melhor o mundo em que vivem, inclusive o mundo digital.

Mais adiante, observamos que o material didático traz uma proposta prática importante para os estudantes da EJA, porque coloca em ação tudo aquilo que foi discutido nas páginas anteriores sobre *fake news* e responsabilidade no compartilhamento de informações.

Vejamos a imagem abaixo:

Figura 04: Checagem de fatos e mensagens de áudios

PRÁTICA Checagem de fatos e mensagem de áudio

No artigo de opinião, você leu sobre como as fake news são disseminadas e sobre o posicionamento do articulista a respeito da responsabilidade do usuário ao compartilhar essas notícias sem antes checar a veracidade das informações.

Agora, você e os colegas realizarão procedimentos de checagem de informações para confirmar se as afirmações apresentadas a seguir são fatos ou fake news. Em seguida, elaborarão uma mensagem de áudio alertando os destinatários sobre como evitar notícias falsas e escolher boas fontes de pesquisa para confirmar a veracidade das informações que circulam na internet.

Checando fatos

1. Forme grupo com mais três colegas. Juntos, leiam as afirmações a seguir.
 - Macaco com febre amarela transmite a doença às pessoas.
 - O aquecimento global é uma fraude.
 - Chá de erva-doce cura gripe.
 - Vinagre afasta mosquito da dengue.
 - Amazônia tem recorde de desmatamento.
2. Usando o computador ou o celular, pesquisem cada uma das afirmações em pelo menos duas fontes diferentes. Confiram as notícias publicadas sobre o assunto e, no caderno, registrem as URLs.
3. Em seguida, analisem as notícias encontradas. Para isso, verifiquem se:
 - o veículo é conhecido e apresenta outras publicações e qual é o teor dessas outras notícias (certifiquem-se de que não é um site humorístico, por exemplo);
 - o local da publicação é informado e se a data é recente;
 - é possível identificar a autoria e se ela pode ser confirmada por meio da busca do nome do autor em outros sites;
 - a formatação da página é adequada e parecida com a de sites conhecidos;
 - há uso de muitos adjetivos, de juízos de valor ou de trechos que se dirigem diretamente ao leitor.
4. Depois dessa análise, realize mais uma pesquisa para confirmar as informações apresentadas nas notícias encontradas. A intenção é verificar se notícias com o mesmo conteúdo (ou com conteúdo similar) foram publicadas em outros veículos e se as informações foram desmentidas ou confirmadas em algum site ou serviço de checagem de fatos.

SAIBA MAIS

Projeto Comprova. Disponível em: <https://projetoconprova.com.br>. Acesso em: 21 mar. 2024. O projeto é uma iniciativa de jornalismo colaborativo com o objetivo de investigar a veracidade de conteúdos suspeitos compartilhados em redes sociais ou aplicativos de mensagens. A verificação das informações é realizada por pelo menos três redações jornalísticas diferentes.

244

Fonte: Beltrão e Gordilho (2024, p. 244).

A proposta prática nessa parte do livro é uma pertinente maneira de desenvolver nos alunos habilidades que vão muito além da sala de aula, é uma aprendizagem para a vida.

A atividade começa pedindo que os alunos se organizem em grupos e analisem afirmações que circulam com frequência na internet. A escolha de enunciados, como “o aquecimento global é uma fraude” ou “vinagre afasta mosquito da dengue”, mostra que o material buscou exemplos realistas, que os estudantes provavelmente já ouviram ou viram em redes sociais, no WhatsApp ou até em conversas com outras pessoas. Isso cria uma sensação de familiaridade e aproxima a atividade da realidade vivida por eles.

Depois, a proposta é que os alunos pesquisem essas afirmações na internet, usando pelo menos duas fontes confiáveis. Essa etapa é importante, porque ensina a não aceitar uma informação de primeira, mas buscar a confirmação em veículos sérios. Para isso, o material dá dicas bem práticas: observar se o site é confiável, se o autor é identificado, se a notícia tem data recente, se o tom não é humorístico, entre outras orientações. Tudo isso contribui para formar um olhar mais crítico sobre o que circula no meio digital.

O objetivo final, montar um “serviço de checagem de fatos,” dá protagonismo aos alunos, pois deixam de ser apenas consumidores de conteúdo e se tornam sujeitos mais críticos,

com capacidade de orientar outras pessoas e combater a desinformação. Para quem está na EJA, muitas vezes em processo de retomada dos estudos, essa valorização do conhecimento e da ação crítica tem um efeito positivo.

5. CONCLUSÕES

Percebemos, ao longo da análise desses materiais didáticos, que o tema das *fake news* é tratado de forma muito mais ampla e significativa do que apenas uma questão informativa. Desse modo, este trabalho que tem como objetivo analisar de que maneira as *fake news* são abordadas nos livros didáticos de Língua Portuguesa destinados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os desafios enfrentados para a construção da cidadania digital, nota-se que ele, o livro didático, se torna, na prática pedagógica, um ponto de partida para desenvolver a reflexão crítica, o letramento digital e a responsabilidade cidadã dos estudantes da EJA.

Ao analisarmos o livro didático, foi possível perceber, que com as propostas de atividades, nota-se que os estudantes serão convidados a assumir um papel ativo diante da informação, pois serão questionados e levados a pesquisar e refletir sobre a veracidade do que circula nas redes sociais. Essa postura ativa, que vai além da simples leitura, contribui para que eles compreendam os impactos sociais, políticos e econômicos das *fake news*, percebendo que combater a desinformação é uma tarefa coletiva e que cada pessoa tem um papel a desempenhar.

Também nos chamou a atenção como os materiais buscam integrar diferentes dimensões: experiência pessoal, análise linguística, argumentação e reflexão ética. Ao propor atividades em duplas, em grupos e individuais, os livros incentivam o diálogo, o compartilhamento de experiências e o desenvolvimento de competências fundamentais para a vida em sociedade. O estudante da EJA, muitas vezes em processo de retomada de seus estudos, encontra nesse caminho um espaço para se sentir valorizado, capaz e protagonista do próprio aprendizado.

Por fim, podemos destacar que a abordagem sobre *fake news* nesses materiais vai muito além de uma simples transmissão de conteúdo: ela humaniza a aprendizagem, aproxima teoria e prática e promove o desenvolvimento de cidadãos críticos e conscientes. Ao nos depararmos com essas propostas, percebemos que ensinar sobre desinformação é, na verdade, ensinar sobre cuidado, responsabilidade e participação social. Desse modo, a partir da análise, podemos entender que é possível formar leitores críticos e cidadãos engajados, preparados para atuar de maneira consciente em um mundo cada vez mais marcado pelo fluxo rápido de informações.

REFERÊNCIAS

ABREU, Kátia; ROSA, Maria Carlota. **Alfabetização de idosos: um tema urgente no Brasil**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento. Narrativas conspiratórias: o que diz a BNCC? **Entretextos**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 192-211, 2025. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/51505>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Letícia Martins Monteiro de. **Notícias vs. notícias falsas: a perspectiva da linguística cognitiva**. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7180/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20Let%C3%ADcia%20Martins%20Monteiro%20de%20Barros.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 ago. 2025.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. **Reconquista: Educação de Jovens e Adultos 2º Segmento – Etapas 7 e 8 – volume II**. São Paulo: FTD, 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, p. 27833, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 maio 2025.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª série)**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018.

CHAVES, Mônica; MELO, Luísa. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 62-82, 2019.

DI PIERRO, Maria Clara. Tradições e concepções de Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JR, Roberto (org). **Formação e práticas na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 9-21.

FERNANDES, Iracema Cristina; FERNANDES, Terezinha. Letramento informacional no combate às fake news na educação. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 41-51, 14 mar. 2023. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/redoc.2023.68237>.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, Angela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em Discurso**, Tubarão, v. 8, n. 3, p. 487-517, 01 dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KqMWJvwLDpVwgmVJpFv4bk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

KLEIMAN, Angela B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? In: KLEIMAN, Angela B. (org). **Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais**. Ministério da Educação. CEFIEL/IEL. UNICAMP, 2005.

SANTANA, Karine Costa. “**E se morre de desinformação?**”: o desenvolvimento do letramento informacional para a promoção de leitores críticos e para o combate à disseminação de fake news. 2021. 86 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SANTOS, Cheila Dias; FERNANDES, Andrea da Paixão. Sujeitos da educação de jovens e adultos e os sentidos atribuídos ao livro didático. **E-Mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 16, p. 223–233, 2019. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.39719. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/39719>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA, Janine Marta Pereira Antunes da; VILLELA, Ana Maria Nápoles. O livro didático na educação de jovens e adultos (EJA): ferramenta para certificação ou para um processo de ensino e aprendizagem significativo? **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 209-227, 13 jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.pdpe.26721>.

SILVA, L. S. P. da; GALASTRI, N. A.; AMÉRICO, M. Letramento digital no combate às fake news no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 22, n. 64, p. 415–442, 2025. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/7110>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GOMES, Cesar Augusto. Fake news, vacina e os tipos de desinformação. **Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 4, p. 1-20, 2020.

TANAJURA, Louise Conceição Pereira; CARVALHO, Milena Ramos Aires. **Vem pra EJA!** Educação de Jovens e Adultos – Práticas em Leitura e escrita 2º Segmento da EJA – etapas 5 e 6 dos Anos Finais do Ensino Fundamental – volume 1. São Paulo: Casa de letras, 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Dimensões da competência informacional (2). **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011.